



A sexualidade da mulher idosa: um olhar sociocultural fora da curva da heteronormatividade

*Sexuality of elderly women: a sociocultural look
Outside the curve of heteronormativity*

Analice Alves dos SANTOS¹
Danielle de Andrade Paes LEME²
Heloísa Catunda de VASCONCELOS³
Kauana Lins Noé da COSTA⁴
Letícia de Andrade MELO⁵
Rute Larícia de Souza BRAGA⁶
Fernanda Wanderley Correia de ANDRADE⁷

Resumo: O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a sexualidade na velhice, mais especificamente a da mulher idosa, contemplando o desejo nesta fase da vida em sua pluralidade e nos seus mais diversos formatos. Para isto, foi realizada uma breve revisão bibliográfica sobre a visão da sociedade ocidental sobre assuntos como sexo, gênero e a sexualidade feminina na velhice nos campos das teorias de gênero e psicanálise. Conclui-se que, associando a visão social de inferioridade em relação à sexualidade feminina com a ideia de que os indivíduos se tornam assexuais na velhice, a mulher idosa encontra diversas dificuldades para vivenciar e expressar seus desejos e buscar apoio e conhecimento, não só por parte de familiares e amigos, mas também, inesperadamente, pelos próprios profissionais de saúde. Enfim, não se pode negar a vivência da sexualidade e do desejo na velhice, em sua pluralidade e nos mais diversos formatos.

Palavras-chave: Sexualidade. Velhice. Envelhecimento. Gênero. Estigmas.

Abstract: This article aims to reflect on sexuality in old age, more specifically that of elderly women, considering the desire in this phase of life in its plurality and in its most diverse formats. For this, a brief bibliographic review was carried out on the view of Western society on issues such as sex, gender and female sexuality in old age in the fields of gender theories and psychoanalysis. It is concluded that, associating the social view of inferiority in relation to female sexuality with the idea that individuals become asexual in old age, the elderly woman finds several difficulties to experience and express her

<http://dx.doi.org.10.24024/23579897v29n2a2020p09020>

¹ Graduanda de Psicologia da FAFIRE. E-mail: analicealvessantos@grad.com

² Graduanda de Psicologia da FAFIRE. E-mail: danielleandradepaes@grad.fafire.br

³ Graduanda de Psicologia da FAFIRE. E-mail: heloisacatundavasconcelos@grad.fafire.br

⁴ Graduanda de Psicologia da FAFIRE. E-mail: kauanalinsnoe@grad.fafire.br

⁵ Graduanda de Psicologia da FAFIRE. E-mail: leticiaandrademelo@grad.fafire.br

⁶ Graduanda de Psicologia da FAFIRE. E-mail: ruth.laricia@gmail.com

⁷ Doutora em Psicologia Cognitiva | UFPE | Professora do Curso de Psicologia | FAFIRE | Orientadora da pesquisa | E-mail: fernandaa@prof.fafire.br

desires and seek support and knowledge, not only for from family and friends, but also, unexpectedly, by the health professionals themselves. Finally, one cannot deny the experience of sexuality and desire in old age, in its plurality and in the most diverse formats.

Keywords: Sexuality. Old age. Ageing. Gender. Stigmas.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a sexualidade na velhice, mais especificamente a sexualidade da mulher idosa, contemplando o desejo nesta fase da vida em sua pluralidade e nos seus mais diversos formatos. Desta forma, procura-se compreender como o sexo na velhice é visto pela sociedade contemporânea e, também, pelas próprias pessoas que se encontram nessa fase da vida. Para isto, foi realizada uma breve revisão bibliográfica sobre a visão da sociedade ocidental sobre assuntos como sexo, gênero e a sexualidade feminina na velhice nos campos das teorias de gênero e psicanálise.

Judith Butler (2002) faz um paralelo entre as teorias de gênero e sexualidade, atribuindo a construção das noções de gênero à uma hierarquia de gênero presente nas relações heterossexuais, onde o masculino seria superior ao feminino. Para ela, embora Gênero e sexualidade sejam conceitos distintos, essa hierarquia e as concepções de gênero que ela corrobora servem para perpetuar uma sociedade não só misógina, mas também homofóbica:

Será a “hierarquia de gênero” suficiente para explicar as condições para a produção de gênero? Até que ponto a hierarquia de gênero serve uma heterossexualidade mais ou menos compulsória, e quão frequentemente as normas de gênero são policiadas precisamente na função de apoiar a hegemonia heterossexual? (BUTLER, 2002, p. 45).

A ideia de uma hierarquia de gênero, onde o homem e tudo o que se refere ao masculino é intrinsecamente superior à mulher e ao feminino, perpetua e legitima o pensamento de que a sexualidade da mulher, além de misteriosa e enigmática, também pode ser inferior à do homem, merecendo menos atenção e devendo ser necessariamente atrelada ao desdobramento da sexualidade masculina. Ou seja, o papel social da mulher, de acordo com a hierarquia de gênero, seria prover prazer ao seu homem. Associando essa ideia à uma outra noção, erroneamente concebida, de que a sexualidade na velhice é algo em decadência, ou melhor, uma parte da subjetividade humana que, naturalmente, se dissipa até sumir conforme o sujeito envelhece, a mulher idosa é colocada em uma posição de extrema vulnerabilidade e esquecimento.

Se o sexo e a sexualidade da mulher são subservientes e o ato sexual na velhice é algo imoral e vergonhoso, o que devem fazer as mulheres que, após completarem 60 anos, se encontram ainda desejantes, descobrindo que seus corpos não esfriaram por completo ao “apagar das velas” e que elas, ainda, possuem desejos físicos e emocionais, sejam estes relativos ao ato sexual em si ou à sexualidade em uma visão mais abrangente, do companheirismo, do toque, do carinho?

A partir do que foi dito acima, faz-se importante explorar tal temática para clarear pontos importantes, podendo, inclusive, auxiliar na desmistificação da sexualidade na

mulher idosa. Para tanto, planeja-se traçar um paralelo entre o papel do sexo na sociedade, as noções de gênero no estudo da sexualidade humana, e os estudos sobre a sexualidade na velhice, para identificar as influências desses fatores em como a sociedade vê a sexualidade da mulher idosa.

1. O papel do sexo na sociedade

Ao compreender o sexo como uma atividade sexual praticada por dois ou mais indivíduos, em busca de prazer, reprodução ou mesmo como trabalho, é possível analisar o papel que esse ato ocupa na vida humana. Fazendo um recorte e compreendendo o sexo como a própria relação sexual, historicamente essa prática tem ocupado um espaço na sociedade que é vivenciado de diversas formas, desde o sexo enquanto um ato sagrado, especialmente pela influência religiosa, até os dias atuais, onde o sexo é considerado, por muitos, uma prática comum e natural, mesmo que, para outros, ainda seja repleta de tabus. Cada sociedade, de acordo com a sua cultura, tem uma atribuição própria da importância que o sexo tem na vivência humana.

A experiência da sexualidade e o termo “sexualidade” tiveram diferentes sentidos no decorrer da história. A história da sexualidade no Ocidente aponta que na antiguidade grega e romana vivenciava-se uma liberdade sexual sem referência à noção de pecado ou da moral, pois se vivia o completo prazer tendo o sexo tanto para a reprodução como também para busca de sentimentos profundos do amor, assim como o prazer sexual e a sensualidade (PEREIRA, 2008). No período do Cristianismo, “construiu-se uma moralidade permanente” mantendo a castidade ou o casamento e reforçando a recusa do prazer sexual, reduzindo assim as práticas sexuais para “limites estreitos dos interesses procriadores” (LIMA, 1996, p.38). Quando se pensa na construção do papel que o sexo ocupa dentro de uma sociedade, é comum associar o peso da cultura ocidental cristã, principalmente no que se trata do Brasil. Sobre a história do Cristianismo, Dantas (2010) afirma que ela faz constante referência à questão da sexualidade, reforçando que, com o objetivo de consolidar e expandir o seu poder político, a Igreja buscou, justamente, obter o controle sobre esse aspecto da subjetividade humana.

Dessa forma, por séculos, a Igreja Católica investiu na contenção da sexualidade humana por diversos mecanismos institucionais e sociais, como o celibato, a castidade, a proibição do sexo antes do matrimônio, o sexo puramente enquanto forma de reprodução, entre outros. Pequenas mudanças começaram a surgir a partir do século XX, devido às obras de pensadores e autores que tentaram romper com esses pensamentos e construções. Um dos principais exemplos é o psicanalista Sigmund Freud que, em suas obras, tratou da existência da sexualidade desde a infância, afirmando que essa estava presente em todos os estágios da vida humana. Freud sofreu severas represálias por tratar de um assunto considerado tão vergonhoso quanto a sexualidade em relação à infância, símbolo de inocência, mas suas pesquisas e experiências se tornaram essenciais para compreender a estruturação da sexualidade humana e questionar os motivos pelos

quais a sociedade busca tratar crianças, idosos ou pessoas com qualquer tipo de necessidade específica (física ou mental) como seres assexuados.

Ao se traçar uma linha histórica, pode-se perceber a mudança nos paradigmas quanto à concepção das relações humanas na sociedade atual. Fala-se, inclusive, da volatilidade e fluidez em que consistem a qualidade e/ou ausência dos vínculos entre as pessoas. Sobre os conceitos de “modernidade sólida”, temporariedade, liquidez e “modernidade líquida” de Bauman, Krauss (2017) afirma:

Nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades “auto-evidentes”. Sem dúvida a vida moderna foi desde o início “desenraizadora”, “derretia os sólidos e profanava os sagrados”, como os jovens Marx e Engels notaram. Mas enquanto no passado isso era feito para ser novamente ‘reenraizado’, agora todas as coisas – empregos, relacionamentos, *knows-hows* etc. – tendem a permanecer em fluxo, voláteis, desreguladas, flexíveis (KRAUSS, 2017, p. 158).

A partir dessa volatilidade no estilo de vida da modernidade, o sexo, que também foi desburocratizado na sociedade, se torna mais acessível, menos “sagrado” e passa a assumir e protagonizar os espaços, permitindo sua prática com menos tabus, graças às revoluções feministas e de outras militâncias. A prática do sexo passa, também, a ser discutida de forma mais abrangente em espaços em que o tema antes não poderia ser falado. Determinado movimento de acomodação social em vista de sua nova configuração, a sexualidade assume um papel mais amplo, que é encarado não mais como profano ou biologicista, mas que dá espaço também para a busca pelo prazer através do corpo, assim como a possibilidade em se trabalhar uma maior variedade de assuntos na esfera da educação sexual, tornando-a também ato político e revolucionário frente ao conservadorismo marcado pelo patriarcado sistemático.

Considerando toda a discussão sobre a visão social ocidental sobre o sexo, pode-se perguntar: *sexo e sexualidade são a mesma coisa?* Para Bacelar (2002), o entendimento da sexualidade em sua totalidade é prejudicado pelos preconceitos que interferem em nossa vida, que nos levam ao silêncio sobre os assuntos questionados pela sociedade. Para ela, esse silêncio e esses preconceitos ajudam na concepção de que a sexualidade se resume exclusivamente ao ato sexual por meio do contato entre genitais, algo que não chega a representar nem mesmo o princípio do fenômeno complexo que é a sexualidade humana, que:

... “possui um encanto que vem sendo perdido ao longo do tempo” (*ibidem*, p. 161 e 164). Vive-se a sexualidade no olhar, no toque, no mistério, na música, no som, na voz, na fantasia... e não apenas na busca objetiva da relação genital (BACELAR, 2002, p. 21).

Com todas essas mudanças na forma como a sociedade e os indivíduos passaram a ver e falar sobre o sexo e sexualidade no contexto atual, como está a questão dos papéis desempenhados por homens e mulheres na sexualidade humana?

2. Gênero e sexualidade

A expressão popular “pau que nasce torto, morre torto” representa bem os questionamentos e reflexões que se pretende trazer no presente trabalho, no que se refere às concepções essencialistas e biologicistas que, ainda hoje, tangem as discussões sobre gênero e sexualidade. Introjetada no imaginário popular, essa forma determinista de enxergar os lugares e papéis do homem e da mulher na sociedade termina sendo geradora de preconceitos e discriminação para os que fogem (ou se recusam a reproduzir) dos modelos pré-definidos culturalmente.

Durante muito tempo, à luz do paradigma das ciências da natureza, os estudos relacionados à temática associavam gênero ao corpo/sexo biológico, ou seja, quanto à espécie humana, quem nascia *macho* era considerado homem, quem nascia *fêmea*, mulher. Nessa perspectiva, “o homem nasce e morre homem”, assim como “a mulher nasce e morre mulher” e ambos precisam agir como tais. Fugir desses padrões ideológicos, comportamentais e relacionais naturalizados do *ser homem* ou *ser mulher* na sociedade, significa, para muitos, uma falha da moralidade, uma transgressão, sendo essas pessoas “fora do padrão” constantemente estigmatizadas e discriminadas. Esse binarismo, existente ainda nos dias atuais, serve para reproduzir e reforçar o lugar de inferioridade no qual a mulher se encontra em muitas culturas e sociedades. Sob uma justificativa naturalista, a mulher é vista como o “sexo frágil” e, assim, a hierarquia de gênero se instaura, sendo o *ser homem* na sociedade um privilégio.

As ciências sociais e humanas, por sua vez, ao passar por diversas mudanças paradigmáticas ao longo dos anos, atualmente consideram a ótica de um ser humano multideterminado, ou seja, o indivíduo passa a ser visto para além da sua dimensão puramente biológica. Assim, gênero torna-se algo socialmente construído e historicamente reproduzido:

Para as ciências sociais e humanas, o conceito de gênero se refere à construção social do sexo anatômico. Ele foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, no entanto, a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura. (BARRETO; ARAÚJO; PEREIRA, 2009, p. 39)

Os comportamentos e papéis socialmente atribuídos ao feminino e masculino são construídos, aprendidos e reproduzidos socioculturalmente. Não sendo mais vistos como fatores determinados biologicamente, essas características tornam-se passíveis de serem mudadas. Por isso, a importância dos movimentos sociais que, aos poucos, vêm instaurando, no imaginário social, um olhar mais crítico acerca dos papéis cristalizados de gênero.

Essa perpetuação da padronização dos papéis de gênero e o estigma dos que se recusam a encaixar-se nesse padrão não afetam apenas as pessoas que passam por uma experiência de questionamento de gênero (transexuais, travestis, não-binários, entre outros), mas as pessoas que, mesmo se adequando a um modelo cisgênero (em que o

indivíduo se identifica com o gênero que lhe foi assignado ao nascer), não se acomodam no papel que esse modelo lhes impõe. São as mulheres que não são consideradas femininas “o suficiente” pela sociedade, os homens “afeminados”. A resistência à fuga da padronização pela sociedade normativa é tanta que as pessoas formam opiniões e julgamentos com relação às outras, sem mesmo conhecê-las baseando-se apenas na forma como cada um se apresenta ao mundo.

Partindo desse pressuposto, pode-se usar como exemplo os “homens afeminados” e as mulheres que, por terem cabelos curtos, não gostarem de maquiagem ou não utilizarem adornos para se tornar a versão de feminilidade imposta pela sociedade, são apontados como sendo homossexuais. Gênero e sexualidade ainda são tão atrelados um ao outro que se supõe ser aceitável julgar ou questionar a sexualidade de alguém puramente pela forma como essa pessoa se apresenta ao mundo. Da mesma forma, os papéis sociais atribuídos aos gêneros masculino e feminino também são escoados para a área da sexualidade nos relacionamentos românticos, esperando-se uma dicotomia em que cada casal, não importando se é um casal heterossexual ou homossexual, seja constituído de uma figura masculina e uma feminina.

3. A sexualidade na velhice

A velhice é a última fase do ciclo vital humano, sendo o envelhecimento um processo complexo, individual e irreversível pelo qual todos passam durante a vida inteira, quer cheguem à velhice ou não. A velhice, enquanto fase da vida, é associada a uma posição de maior vulnerabilidade física e emocional, que, por sua vez, está atrelada a fatores físicos, sociais, psicológicos, econômicos e culturais; estes tornam a velhice fortemente individualizada e, também, estigmatizada por padrões sócio-histórico-culturais. Segundo Simone de Beauvoir (1970), a velhice está atrelada ao estatuto que a sociedade dá a ela:

Como todas as situações humanas, ela tem uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e sua própria história. Por outro lado, o homem não vive nunca em seu estado natural; na sua velhice, como em qualquer idade, seu estatuto lhe é imposto pela sociedade à qual pertence (BEAUVOIR, 1970, p. 15).

Logo, a forma como a sociedade se relaciona com temas como a perspectiva de morte, o adoecimento e o próprio processo de envelhecimento estão diretamente atrelados a como o próprio velho lida com a sua autoimagem, autonomia, relacionamentos, processos de adaptação e de transformação, como afirmam Guerreiro e Rodrigues (1999). Segundo Beauvoir (1970, p. 48), “Para compreender a realidade e a significação da velhice, é, portanto, indispensável examinar o lugar que é destinado aos velhos, que representação se faz deles em diferentes tempos, em diferentes lugares.

No entanto, atualmente, a sexualidade na velhice é um tema que vem ganhando o interesse de diversas áreas de atuação. Com isso, o tabu do declínio sexual na terceira

idade começa a ser quebrado, passando ao imperativo de que a sexualidade é um dos pontos basilares para o que se denomina de “envelhecimento ativo”. Segundo gerontologistas e sexólogos, a prática sexual é uma atividade saudável para o processo de envelhecimento. Diferente da gerontologia tradicional, a gerontologia moderna não define a velhice como uma fase de decadência física, mental e social, mas traz a ideia de que a velhice é uma fase do desenvolvimento humano em que também há ganhos. Lawrence Cohen (1994) explicita como a teoria da atividade e do envelhecimento ativo ganharam ênfase sobre o envelhecimento em si. Percebe-se que o conceito de envelhecimento ativo toma o espaço do conceito de desengajamento social na velhice. Tal fato demonstra que a velhice não está estritamente interligada à exclusão, falta de atividade e desinvestimento na vida.

Segundo BACELAR (2002, p. 13), a velhice, “tal como a infância, juventude e idade adulta, é circunscrita como uma etapa de transformação, tanto física como biológica, emocional e sexual”. Para Beauvoir (1990), a velhice é um processo que se inicia desde o momento do nascimento do indivíduo:

A velhice não é um fato estático; é o resultado e o prolongamento de um processo. Em que consiste este processo? Em outras palavras, o que é envelhecer? Esta ideia está ligada à ideia de mudança. Mas a vida do embrião, do recém-nascido, da criança, é uma mudança contínua. Caberia concluir daí, como fizeram alguns, que nossa existência é uma morte lenta? É evidente que não. Semelhante paradoxo desconhece a verdade essencial da vida: ela é um sistema instável no qual se perde e se reconquista o equilíbrio a cada instante; a inércia é que é o sinônimo de morte. A lei da vida é mudar (BEAUVOIR, 1970, p. 17).

A forma como cada indivíduo envelhece não está determinada por um modelo pré-estabelecido, mas atrelada à sua situação existencial; relaciona-se com a sua subjetividade, as experiências vividas, a cultura na qual está inserido e a relação estabelecida com a velhice durante o decorrer da vida.

Caldas (1997) frisa que a velhice é perda de poder, no sentido de que “o cidadão é velho não apenas porque seu organismo está em processo de declínio biológico, mas sobretudo porque assim é decretado” (CALDAS, 1997, p. 124). A autora coloca, ainda, que não existe um modelo de velhice, mas “uma velhice masculina e outra feminina; uma, dos ricos, e outra, dos pobres; uma do intelectual, outra do funcionário burocrático, ou do trabalhador braçal” (CALDAS, 1997, p. 125). Culturalmente, foi construída uma crença social de que ocorre um declínio sexual inevitável na velhice. Este pensamento se confirma, por exemplo, na construção teórica de Katz e Marshall (2003), quando afirmam existir uma modulação de adaptação à inexistência sexual, que traz o ganho do benefício moral da maturidade pós-sexual. Desta forma, segundo os autores, seria prudente aceitar esse declínio como forma de ajustamento moral à velhice. Percebe-se, assim, um preconceito quanto à sexualidade na velhice, sendo essa, inclusive, considerada um desvio de conduta.

Segundo Rabelo e Lima (2011), o crescimento da população idosa na sociedade exige uma nova postura, principalmente no que se refere à sexualidade na velhice, algo que, muitas vezes, é de difícil compreensão aos profissionais de saúde. A velhice é percebida

de forma limitada, como um período de assexualidade e de renúncias, com base nas referências que se adquire ao longo da vida. Kaas (1981) criou o termo *Síndrome de Colapso da Sexualidade Geriátrica* para descrever os processos envolvidos na internalização das posturas sociais em relação à sexualidade na velhice. O estereótipo da velhice assexuada é bastante difundido e arraigado na sociedade contemporânea. Nesse sentido, pode ser benéfica a inclusão de informações sobre a sexualidade, em qualquer idade, mas também em idosos nas escolas, durante as aulas de educação sexual, como uma forma de alcançar um maior conhecimento e a quebra de tabu.

Um estudo Finlandês realizado por Paunonen e Hägmann-Laitila (1990) concluiu que, apesar de muitas pessoas idosas terem uma vida sexualmente ativa, mais da metade das pessoas entrevistadas no estudo tinha a crença de que, de alguma forma, o sexo na velhice não fosse algo adequado. Percebe-se que a sexualidade continua ativa no campo do desejo e que, no caso em questão, a crença social da inadequação tornava esse desejo errado ou inadequado.

Santos (2003) comenta que a afeição, a ternura, o sonho, a presença de alguém para conversar e com quem compartilhar a vida são fatores que mantêm o ser humano vivo. Foi mencionado anteriormente que a sexualidade, apesar de uma crença social limitadora, não se restringe apenas ao contato genital. Na velhice, o fato de haver uma mudança na performance sexual e em como o velho se relaciona com o sexo coloca esse sujeito em contato com a ideia da proximidade da morte e de que a perda da vitalidade está associada ao fim da vida útil. No entanto, também como foi afirmado anteriormente, gerontologistas e sexólogos consideram a prática sexual como uma atividade saudável e positiva para o processo de envelhecimento. O desejo em ter prazer é parte integrante da vida de um indivíduo, independente de sexo, idade, nacionalidade, raça e religião. Deve-se, cada vez mais, observar que qualquer um pode, no decorrer da vida, passar por situações das mais diversas naturezas que geram conflitos, levando à diminuição do desejo sexual. Porém, se a pessoa estiver psicológica e organicamente saudável, o desejo de prazer poderá existir durante toda a vida (RISMAN, 1999, p. 168).

Segundo SANTOS (2003), o preconceito social reprime as expressões sexuais na velhice, sendo o ato amoroso e libidinal apresentado como algo horroroso, algo a ser escondido. Para ela, apesar de a menopausa e a andropausa interferirem e modificarem a produção de hormônios, não são as causas orgânicas que se apresentam como um foco maior do problema para a sexualidade na velhice, mas, justamente, questões de ordem social e psicológica.

O sexo e o amor na velhice mudam o caráter explosivo e exuberante da juventude, tomando a forma da ternura, do carinho, do toque sutil, da valorização da sensibilidade dos pequenos gestos, respeitando as diferenças de suas manifestações no homem e na mulher (SANTOS, 2003, p. 33).

Considerando os fatos discutidos, não é correto afirmar que, com a velhice, o ser humano perca sua capacidade de amar e de ter uma vida sexualmente ativa; ambas podem

permanecer, podendo se modificar apenas a forma da expressão do desejo. Assim, a velhice não significa uma perda do desejo, mas sim, uma transformação libidinal, no qual podem ser escolhidas outras formas da expressão do amor, como o toque, o olhar, a voz.

4. A sexualidade da mulher idosa (em sua pluralidade e diversidades de formato)

“As mulheres foram, durante muito tempo, deixadas na sombra da História”. Essa afirmação, feita pela historiadora Michelle Perrot (2001), simboliza a forma como o papel das mulheres é descrito durante a história em diversos âmbitos e culturas, não sendo diferente quando o assunto em questão é a sexualidade. Pode-se compreender a sexualidade como uma expressão representativa do ponto de encontro entre natureza e cultura. O conceito de identidade sexual ressalta a masculinidade e a feminilidade como expressões culturais da sexualidade.

Diante dessa ideia, tem-se, ao longo da história, o papel feminino atrelado, na maioria das vezes, à passividade, submissão e à fragilidade. Socialmente, papéis sexuais identitários são perpetuados a partir da cultura, disseminando, quase que hierarquicamente, moldes e padrões sociais esperados a serem cumpridos por determinadas figuras. Em sua maioria, é esperado que a sexualidade se expresse a partir de um modelo normativo heterossexual, reforçando o pensamento de Simone de Beauvoir (1970) de que “a fêmea é o inessencial perante o essencial”. Ou seja, o homem - a partir de uma construção social de sua masculinidade - mantém-se sempre à frente da figura feminina, e a fêmea permanecerá como sua sombra.

Em nosso contexto sociocultural, cultuamos a juventude, relacionando-a à beleza, virilidade e produtividade e tornando o processo de envelhecimento um tanto quanto desafiador, acompanhado de tabus e estereótipos negativos. Esses fatores podem ser ainda piores quando se faz o recorte do gênero feminino, dado que, além de cumprir com os requisitos impostos pela cultura estrutural, a mulher carrega consigo o papel de reprodutora e perpetuadora de sua família. Não sendo o bastante, ainda há a cobrança excessiva pelo enquadre nos padrões estéticos estabelecidos pelo sistema capitalista atrelado à lógica patriarcal. Tais padrões são, majoritariamente, sobre-humanos quando vistos pela ótica da velhice, devido ao processo natural vivenciado pelo organismo humano durante o processo de envelhecimento. O corpo, em sua dimensão simbólica, é estruturante para a consciência de si diante do mundo, e o primeiro a ser taxado.

Assim como outros componentes da subjetividade humana, a sexualidade caracteriza-se dinamicamente; assumindo diversas formas em suas mais amplas dimensões inerentes à existência. Levando esse fato em consideração, não se pode negar a vivência da sexualidade e do desejo na velhice, em sua pluralidade e nos mais diversos formatos. Mulheres lésbicas e bissexuais são cobradas excessivamente diante do estereótipo normativo, tendo sua orientação sexual colocada em dúvida, além de serem vistas como anti-femininas. Quando Beauvoir (1970) afirma que “não se nasce mulher, torna-se”, ela quer dizer que esse é um processo histórico e político. As gerações de pessoas idosas da sociedade atual,

em sua maioria, tiveram sua orientação reprimida por preconceitos, culpa e medo das consequências. Quando na velhice é vivenciada uma sexualidade que se distancia dos padrões heteronormativos, há um choque de realidade – principalmente no âmbito da saúde.

Os profissionais de gerontologia e, especificamente, de ginecologia, na maioria dos casos, não estão preparados para lidar com essas subjetividades. A fixação da visão médica ainda se detém na normatividade padronizada. Se, na juventude, já é difícil o acesso a um serviço de ginecologia fundamentado na pluralidade de vivências sexuais, uma mulher idosa que experimente a sua sexualidade fora da normatividade heterossexual deve encontrar ainda mais dificuldade, pois muitos profissionais não estão preparados para dar de cara com dois ou mais tabus em um só contexto: sexo na velhice entre duas (ou mais) mulheres. Deveria se questionar: será que a padronização desse atendimento abarca às demandas da mulher velha pertencente a um desses grupos? Como a psicologia pode estar à serviço da escuta dessas mulheres?

Essas são perguntas disparadoras para o pensamento crítico, visando a cartografia desse grupo e a identificação das demandas existentes. A exclusão dessas minorias sociais, ainda mais nessa etapa da vida, não pode ser negada. O silenciamento, marginalização e apagamento das vivências sexuais de mulheres que se relacionam com outras mulheres é tanto que ainda há dificuldades em se encontrar fundamentação teórica sobre o assunto. Artigos que relatam as vivências de homens homossexuais, inclusive na velhice, são encontrados com muito mais facilidade. Na teoria psicanalítica freudiana, é notável o lugar de supervalorização do homem, reforçando e sendo reforçada pela cultura do patriarcado e por um forte fundamentalismo religioso regente no contexto. Congruente a essa linha de pensamento, Beauvoir (1970, p. 10) diz que “a humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo”. Ou seja, o homem confere à mulher o lugar do Outro, sendo esta impensável se não associada à figura masculina.

Os questionamentos em relação à sexualidade das mulheres idosas lésbicas e bissexuais não invalidam a questão de que mulheres heterossexuais também sofrem com a dessexualização na velhice. Seja porque seus companheiros também estão passando por mudanças em suas próprias sexualidades, seja porque elas encontram-se fora de um relacionamento romântico matrimonial e sentem-se tolhidas de experimentar a sexualidade nessa condição social de solteiras ou viúvas. Bacelar (2002, p. 21) afirma: “Durante o processo de envelhecimento, correm algumas transformações, quando à resposta sexual, no desejo, na excitação, no platô, no orgasmo, na resolução, mas isso não implica extinção da sexualidade. Essa visão de que a velhice traz uma “morte” do desejo sexual afeta muito mais as mulheres do que os homens. Não é incomum se ouvir piadas ou brincadeiras sobre idosos que fazem comentários sexuais às enfermeiras do hospital ou dos asilos, que comentam a aparência de garçonetes, faxineiras e outras mulheres mais jovens em posições profissionais mais vulneráveis. Embora ainda exista uma maior liberdade em expressar seus desejos sexuais (mesmo que ajam sobre os mesmos preconceitos também), que às mulheres idosas parece não ser permitida. Esse sentimento

de autocontrole, quase uma castração de seu próprio desejo, pode vir das próprias mulheres, devido a toda uma criação em uma cultura machista e patriarcal.

Considerações finais

A sexualidade humana tem um papel de extrema importância na formação da subjetividade do indivíduo, mas também em como se organizam as sociedades. Não é incomum que grupos inteiros de pessoas sejam ostracizados em função de seu gênero, sexualidade e por sair dos padrões impostos socialmente. Historicamente, a sexualidade foi utilizada como ferramenta de controle social, segregação, empoderamento e contestação de valores. Movimentos sociais, pensadores, historiadores e grupos militantes têm questionado os padrões sociais envolvendo gênero e sexualidade por anos, buscando uma maior liberdade sexual para as mulheres e uma separação da sexualidade feminina da masculina, de forma que a primeira possa existir independente da segunda, se assim o desejar.

Concomitantemente, a velhice e o envelhecimento também vêm sendo assuntos alvos de mudanças de paradigma com o passar dos anos. Os(as) idosos(as), inicialmente, considerados sujeitos praticamente inválidos e sem valor social, pessoas que deveriam se conter aos seus aposentos e esperar a morte, atualmente vêm ocupando os espaços públicos e se tornando indivíduos ativos, sujeitos **vivos**. A velhice não é mais vista como o fim da vida, mas como uma etapa do desenvolvimento humano que pode ser tão valiosa e produtiva quanto as anteriores. Apesar dos avanços no estudo da velhice enquanto fase de desenvolvimento positiva e das criações de programas para inclusão desses idosos nos espaços públicos, ainda é necessário um olhar mais atual para a questão da sexualidade durante a velhice, principalmente quando se trata da sexualidade feminina.

Referências

- BACELAR, Rute. **O desejo não tem idade**: a sexualidade da mulher idosa. Recife: FASA, 2002.
- BARRETO, Andreia; ARAÚJO, Leila; PEREIRA, Maria Elisabete (org.). **Gênero e diversidade na escola**: formação de professoras/es em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais. Brasília, DF: SPM, 2009, p. 39-134.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: fatos e mitos. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BUTLER, Judith. **Gender trouble**: feminism and the subversion of identity. New York: Routledge, 2002.
- CALDAS, Célia Pereira. Memória, trabalho e velhice: um estudo das memórias de velhos trabalhadores. *In*: Veras, Renato (org.). **Terceira idade**: desafios para o terceiro milênio. Rio de Janeiro: Relume, 1997, p. 15-40.
- COHEN, Lawrence. Old age: cultural and critical perspectives. **Annual Review of Anthropology**, [S.l.] v. 23, p. 137-158, 1994.
- DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. Sexualidade, cristianismo e poder. **Estudo e Pesquisa em Psicologia**, Rio de Janeiro. V. 10, n. 3, p. 700-728, 2010.

GUERREIRO, Tania; RODRIGUES, Regina. Envelhecimento bem-sucedido: utopia, realidade ou possibilidade? Uma abordagem transdisciplinar da questão cognitiva. *In: Veras, Renato (org.). Terceira idade: alternativas para uma sociedade em transição.* Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. p.51-69.

KAAS M. J. Geriatric sexuality breakdown syndrome. **International Journal of Aging and Human Development**, [S.l.] v. 13 n.1, p.71–77, 1981.

KRAUSS, Marcio. Do mal-estar em Freud ao mal-estar em Bauman. João Pessoa: Ideia, 2017.

KATZ, Stephen; MARSHALL, Barbara. New sex for old: lifestyle, consumerism, and the ethics of aging well. *Journal of Aging Studies*, v. 17, n. 1, p. 3-16, 2003. *In: DEBERT, Guita; BRIGEIRO, Mauro.* Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo v. 27, n. 80, p. 37-54, 2012.

LIMA, Lana Lage da Gama. Confissão e sexualidade. *In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria (org.). Sexualidades brasileiras*, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996. p.38-50.

PAUNONEN Marita; HÄGMANN-LAITILA, Arja. Sexuality and the satisfaction of sexual needs: a study on the attitudes of aged nursing home clients. **Scandinavian Journal of Caring Sciences**, v.4, p. 163–168, 1990.

PEREIRA, Elcimar Dias. **Desejos polissêmicos**: discursos de jovens mulheres negras sobre sexualidade. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. p.167-234.

RABELO, Dóris Firmino; LIMA, Claudia Feio da Maia. Conhecimento e atitude de futuros profissionais da saúde em relação à sexualidade na velhice. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, São Paulo, v.14, n.5. p.163-180, 2011. ISSN 2176-901X

RISMAN, Arnaldo. Corpo – Psique – Sexualidade: uma expressão eterna. *In: Veras, Renato (org.). Terceira idade: alternativas para uma sociedade em transição.* Rio de Janeiro: Relume, 1999.

SANTOS, Sueli Souza dos. **Sexualidade e amor na velhice**: uma abordagem de análise de discurso. Porto Alegre: Sulina, 2003.

Recebido em: 18.04.2020

Aprovado em: 28.04.2020

Para referenciar este texto:

SANTOS, Analice Alves dos; *et al.* A sexualidade da mulher idosa: um olhar sociocultural fora da curva da heteronormatividade. **Lumen**, Recife, v. 29, n. 2, p. 09-20, jul./dez. 2020.